

O CORONEL DOS CORONÉIS

A saga de um mito do sertão

MONTAGEM TEATRAL CONTA A HISTÓRIA DO LENDÁRIO DELMIRO GOUVEIA. PIONEIRO NA INDUSTRIALIZAÇÃO DO NORDESTE, O EMPRESÁRIO CONSTRUÍU UM IMPÉRIO, MAS FOI INCOMPREENDIDO E TEVE FIM TRÁGICO

AGUINALDO RIBEIRO DA CUNHA

A Cia. da Tribo, da Cooperativa Paulista de Teatro, fundada em 1996, faz uma remontagem de O Coronel dos Coronéis, texto de Maurício Segall encenado em São Paulo, com grande sucesso, na década de 1980. A nova versão acentua, na concepção geral e no estilo de interpretação, o caráter essencialmente popular desse belo texto de Segall.

A peça aborda a vida e o trabalho realizado por Delmiro Gouveia no sertão nordestino na primeira metade do século XX. Homem arrojado, empreendedor, foi um dos pioneiros da industrialização daquela região, particularmente no tocante à hidrelétrica de Paulo Afonso. Seu dinamismo e visão moderna não foram bem compreendidos nem facilmente aceitos — o que lhe custou a vida, sobrevivendo-lhe a obra por pouco tempo.

O texto é muito bem escrito, com enredo habilmente idealizado pelo autor: o teatro dentro do teatro serve para espelhar, exemplarmente, a tragédia vivida por Gouveia e a realidade dura que se seguiu ao seu desaparecimento. Uma companhia ambulante de artistas chega a um lugar desolado do Nordeste, outrora a sede do império de Delmiro Gouveia.

Os habitantes, isolados do mundo, lutando pela sobrevivência, contam aos recém-chegados a história daquele empresário único na região: nascido na época do Império, na década da Guerra do Paraguai, o jovem Delmiro vence obstáculos e permanece firme e inabalável em seu propósito de enriquecer e vencer na vida.

A companhia ambulante, incorporando ao elenco os habitantes locais (mãe e filho), narra essa trajetória, sua ascensão e queda — e, também, os laços que se formam a partir do encontro entre os personagens, os que ali viviam e os recém-chegados.

O discurso, é necessário frisar, soa um pouco estranho no mundo globalizado pós-anos 90. Historicamente é importante conhecer a biografia e a proposta de trabalho de Delmiro Gouveia, embora a questão da modernização e do progresso tenha hoje outros contornos, infelizmente menos ingênuos e, sobretudo, menos idealistas que os pensados pelo protagonista.

A direção de Paulo Ribeiro enfati-

zou os aspectos da cultura popular próprios da região nordestina, estilizando cenários (bons, de Wanderley Piras) e figurinos (criativos, de Milene Perez), assim como a trilha sonora de Tunica.

O estilo popular se mantém na representação descontraída e de fácil apelo cômico do elenco: Wanderley Piras, Milene Perez, Sonia Loureiro, João Boubornais e Guto Togniazolo — todos muito bem.

A nova versão acentua, na concepção geral e no estilo de interpretação, o caráter essencialmente popular desse belo texto de Maurício Segall



APELO cômico do elenco enfatiza o caráter popular da peça, que incorpora elementos da cultura nordestina para contar a história de Delmiro Gouveia